

A Árvore das Luzes

Carolina Luz

A minha casa de bonecas estava em cima de um banco para que eu tivesse um acesso mais fácil. Eu adorava as caminhas minúsculas nos quartos com janelas de verdade, a cozinha de brincar, os armários mínimos a combinar com as minhas mãos pequeninas. Era aqui que passava os meus dias, horas e minutos com a minha coleção de brincar. Ali dentro havia uma família faz de conta onde todos eram felizes. A minha mãe não ligava a estas brincadeiras, não queria saber. A minha mãe era muito bela. Tudo nela era esculpido a mármore líquido, de certeza, desde o rosto às curvas magras do seu corpo, marcadas nos vestidos de seda justos que usava. Por causa dela, sempre acreditei que ser-se bela não devia ser nada fácil. Eu, por exemplo, não podia dizer nada nem fazer barulho, pois tudo lhe fazia dores de cabeça. Coitada da minha mãe, pensava. Eu acabara de fazer sete anos quando a minha mãe soube que estava doente. Lembro-me que chorava, chorava muito baixinho, tapava a cara e abanava-se para a frente e para trás como se aquele ritual a fizesse desaparecer dentro da tristeza que sentia. Mesmo quando se tem sete anos, nunca estamos preparados para ver uma mãe chorar e sentir o desespero a sair dos seus olhos.

- Não digas nada a ninguém, Carolina. Não tarda está aí o Natal.

Não precisava de obedecer à minha mãe, as palavras não faziam parte de mim. As palavras chegavam e eram destruídas por um produto qualquer. Guardaria o segredo da sua tristeza na gaveta mais alta da cómoda minúscula da minha casa de bonecas. O meu pai era um homem grande, alto, com o cabelo muito negro. Sempre que o meu pai entrava em casa, o ar ficava perfumado com a sua alegria e eu era imediatamente transportada para a linguagem dos afetos. A dos seus afetos. Pegava em mim e, num impulso, atirava-me ao ar, abraçando-me de seguida.

- Cresce mais um pouco, Carolina, cresce mais um pouco e ficas perfeita. Não demores.

Mas a ideia de crescer, para mim, era terrível. Sabia que se crescesse deixaria de caber nas mãos do meu pai, quem sabe se no seu abraço e, depois, já não caberia no seu coração. Queria travar o avanço das horas, parar o tempo, mas, como diz a minha avó:

- “Quando Deus criou o homem deu-lhe um relógio”.

- Pai, é hoje que vamos procurar o pinheiro? É hoje? ~

O céu nublado e a temperatura negativa prometiam um nevão. A aragem era tão fria e cortante que me fazia tremer dentro do casaco quentinho de veludo azul que vestia. E nem o gorro de lã e as luvas felpudas que o pai me trouxera da sua última viagem me ajudavam. As nuvens resolveram abrir uma pequena clareira, deixando mostrar o céu azul no descampado do bosque onde vivíamos, e os meus pais decidiram que esta seria uma boa altura para sairmos. Iríamos à procura de um pinheiro. Um ramo era perfeito para a minha árvore de Natal.

Assim que chegámos, saltei do carro e esgueirei-me por entre as árvores, na esperança de encontrar patinhos no charco com a mãe pata. Na primavera, tinha-lhes prometido que voltaria. Lembro-me de caminhar entre os arbustos que me arranhavam as mãos e o rosto. Na pressa de os afastar, não vi que tinha pisado o gelo fino do lago e caí. Pensei na árvore de Natal, na árvore das luzes como lhe chamava desde sempre. Fechei os olhos enquanto me deixava afogar na água transparente feita de branco-paz. Soube nessa altura que o corpo tem uma voz, um som, uma música, um grito. Acontece, muitas vezes, ao seguirmos a angústia e o desespero, sermos incapazes de dar valor à riqueza das nossas vidas.

- Carolina, Carolina?!

A voz da minha mãe trouxe-me do fundo do lago onde eu sonhava que os estava a deixar. Sentei-me na cama e, num pulo, levantei-me. Afinal, não havia lago gelado, nem a mãe doente e distante, só a brisa do frio de inverno que entrava pela janela que deixei aberta. Sem conseguir explicar a mim mesma aquela sensação, corri para o cimo das escadas de madeira, no fundo do corredor. Ali, ao lado da casa de bonecas, vi um enorme pinheiro que decorava toda a sala. Com os seus ramos enfeitados de dezenas de bolas de diferentes cores, fitas prateadas e minúsculas luzes douradas que ficariam a piscar a noite inteira, iluminava a família faz de conta onde todos eram felizes. Voltei a sentir o branco-paz, que desta vez parecia querer estalar. A minha família não era perfeita e nem sempre era feliz. Faltava-lhe a perfeição, mas não era de faz de conta. Ali, naquele preciso momento, iluminou-se o meu coração.